

Prémio Nobel de Literatura

# CZESLAW MILOSZ

«Um escritor de invulgar clarividência.»

*THE NEW YORK REVIEW OF BOOKS*



## A Mente Aprisionada



cavalo de ferro

## ÍNDICE

NOTA DO AUTOR .....	11
PREFÁCIO .....	13
CAPÍTULO I: A CURA DE MURTI-BING .....	21
CAPÍTULO II: DE OLHOS POSTOS NO OCIDENTE.....	47
CAPÍTULO III: O KETMAN .....	81
CAPÍTULO IV: ALFA, <i>o MORALISTA</i> .....	115
CAPÍTULO V: BETA, <i>o AMANTE DESILUDIDO</i> .....	149
CAPÍTULO VI: GAMA, <i>o ESCRAVO DA HISTÓRIA</i> .....	179
CAPÍTULO VII: DELTA, <i>o TROVADOR</i> .....	225
CAPÍTULO VIII: ESSE INIMIGO, O HOMEM.....	245
CAPÍTULO IX: A LIÇÃO DOS PAÍSES BÁLTICOS .....	281

## Nota do Autor

Este livro foi escrito entre 1951 e 1952, em Paris, quando a maioria dos intelectuais franceses não via com bons olhos a dependência do seu país em relação à ajuda americana e depositava as suas esperanças no novo mundo a Leste, governado por um líder de uma sabedoria e de uma virtude incomparáveis: Estaline. Aqueles dos seus compatriotas que, como Albert Camus, se atreviam a mencionar uma rede de campos de trabalhos forçados como alicerce de um suposto sistema socialista eram atacados e ostracizados pelos seus pares. Editado em 1953, o meu livro desagradou a quase todos. Os admiradores do comunismo soviético consideraram-no insultuoso e os anticomunistas acusaram-no de não expressar uma posição política clara e inequívoca, e suspeitaram que, no fundo, o autor seria marxista. Foi uma aventura solitária, mas, de lá para cá, os factos confirmaram o seu conteúdo e o livro aguenta-se bem sob os ataques, venham eles de uma facção ou da outra.

O tema em discussão é a vulnerabilidade da mente do século xx perante as doutrinas sociopolíticas e a sua predisposição para aceitar o terror do totalitarismo em nome de um futuro hipotético. Assim sendo, o livro transcende limitações de tempo e lugar ao explorar as causas mais profundas do actual anseio por uma qualquer certeza, por mais ilusória que seja.

Embora publicado no estrangeiro, *A Mente Aprisionada* foi muito lido na Polónia ao longo das últimas décadas e

teve um papel libertador. Talvez, na minha parte da Europa, várias das minhas análises surjam como óbvias, mas o poder de atracção do pensamento totalitário, seja ele de esquerda ou de direita, não é coisa do passado; pelo contrário, parece estar a aumentar. Muito embora nestas páginas eu descreva uma «fase clássica» na história dos totalitarismos, os trinta anos decorridos desde a sua escrita não apagaram as razões mais profundas para a persistência do fenómeno.

Berkeley, Fevereiro de 1981  
Czeslaw Milosz

*Quando alguém tem, indiscutivelmente, 55 por cento de razão, isso já é muito bom e não vale a pena argumentar mais. Se tiver 60 por cento, isso é fantástico, é uma sorte tremenda, e deve agradecê-la a Deus. Mas e se tiver 75 por cento de razão? Os mais sensatos dirão que é de desconfiar. Bem, e se tiver cem por cento de razão? Todo aquele que diz ter cem por cento de razão é um fanático, um rufião, um patife da pior espécie.*

UM VELHO JUDEU DOS CÁRPATOS

## Prefácio

Como tantos da minha geração, teria motivos para desejar que a minha vida tivesse sido mais simples. Mas nenhum homem escolhe quando e onde nasce. Para a parte da Europa a que pertence, a minha época não foi ditosa. Poucos habitantes dos países bálticos, da Polónia, da Checoslováquia, da Hungria ou da Roménia poderiam contar a sua vida em poucas palavras – todas foram perturbadas pelo encadeamento histórico.

A Segunda Guerra Mundial começou no meu país. Por esses dias, eu vivia em Varsóvia. Tivera uma educação bastante rígida numa escola católica e cursara Direito numa universidade da Polónia, seguindo-se estudos em Paris. O meu verdadeiro interesse era a literatura. Já tinha publicado dois volumes de poesia vanguardista e também traduzira alguma poesia francesa.

Vivi cinco anos sob a ocupação nazi. Hoje, ao olhar para trás, não lamento esses meus anos em Varsóvia – de toda a Europa a viver o terror, creio que foi lá que mais se sofreu. Tivesse eu resolvido emigrar logo então, decerto a minha vida teria seguido um rumo muito diferente. Mas, nesse caso, teria um conhecimento menos directo, menos concreto, dos crimes a que a Europa assistiu no século xx.

Numa tarde de Janeiro em 1945, estava eu parado à porta de uma modesta casa rural; uns quantos projecteis de pequeno calibre acabavam de atingir a rua da aldeia. Nesse momento, avistei uma coluna de soldados a avançar lentamente pelas montanhas cobertas de neve. Era o

primeiro destacamento do Exército Vermelho. Liderava-o uma jovem calçada com botas de feltro e armada com uma pistola-metralhadora. Foi assim que, tal como os meus compatriotas, me vi livre do jugo de Berlim – por outras palavras, passei a viver sob o jugo de Moscovo.

Até então, eu não tivera especiais convicções políticas e estava mais do que disposto a abstrair-me das realidades da vida. Mas a realidade queria-me por perto. A situação na Polónia fez-me pender para as ideias de esquerda. O meu ponto de vista definiu-se pela negativa, mais do que pela positiva – eu antipatizava com os grupos de direita, porque a plataforma de todos eles era, sobretudo, o anti-semitismo. Durante a ocupação nazi e tal como os meus pares, escrevi para publicações clandestinas, as quais eram particularmente abundantes na Polónia. As minhas experiências nesses anos levaram-me a concluir que, após a derrota de Hitler, só os que fossem fiéis ao programa socialista teriam uma forma de abolir as injustiças do passado e reconstruir a economia dos países da Europa Central e de Leste. Não nutria grande simpatia pela Rússia. Russos e Polacos nunca morreram de amores uns pelos outros e eu não era excepção à regra. Excepção eram os que, antes ou durante a guerra, se tinham tornado estalinistas – contando-se entre eles alguns dos meus amigos.

Era, portanto, esta a minha disposição mental quando vi a rapariga russa avançar ao meu encontro de pistola-metralhadora na mão. Para ela, eu era mais um entre milhões de europeus que havia que «libertar e doutrinar». Quem sabe se não me tomou por um burguês... coisa deveras improvável, atendendo a que o fato-macaco todo coçado que eu vestia na altura era tudo quanto tinha de meu.

Alguns anos depois, um adido cultural na embaixada do governo de Varsóvia em Washington promovia concertos e exposições que davam a conhecer os artistas polacos.



Dizia-se que ele não era comunista. De 1945 a 1951, fui, primeiro, escritor *freelancer* na Polónia e, depois, adido cultural, primeiro em Washington e depois em Paris. Até que cortei toda e qualquer a ligação com o governo de Varsóvia.

«Mas como é que conseguiu exercer um cargo diplomático ao serviço desse governo não estando filiado no Partido?», pode o leitor perguntar. A resposta reside, antes de mais, no facto de, em cada uma destas democracias populares, a mudança política ter acontecido de forma gradual (na Checoslováquia, Jan Masaryk não se limitou a ser um simples adido; chegou a ministro dos Negócios Estrangeiros); em segundo lugar, dá-se o caso de, nas democracias populares, os escritores pertencerem à nova casta privilegiada. Acreditava-se que nomear um escritor para um cargo diplomático causaria boa impressão além-fronteiras. «Sim, entendo. Mas, no seu caso, aceitou servir esse governo porquê? Por dinheiro?», insistirá o leitor. Não. Não sou nenhum santo, mas quem me conhece sabe que vivo de forma modesta e que não tenho gostos extravagantes, salvo a paixão pelos livros. Aceitei servir o governo não por razões materialistas, mas por convicção.

E aqui entramos nas questões que constituem o tema deste livro. O mundo actual encontra-se dividido por uma tremenda disputa — é mais do que uma disputa, na verdade; trata-se de uma impiedosa batalha pela supremacia mundial. Muitos ainda recusam acreditar que há apenas dois lados, que a única escolha possível é entre o conformismo absoluto a um sistema e o conformismo absoluto a outro. Poderão dizer que tais pessoas carecem de espírito prático, mas seria errado olhar com desprezo para as suas esperanças. Os que julgaram poder ser bem-sucedidos sem deixar o Bloco de Leste, que poderiam escapar ao conformismo absoluto e manter um certo grau de liberdade de pensamento, foram derrotados. Os líderes dos camponeses foram derrotados,



Masaryk foi derrotado e os socialistas que tentaram colaborar foram derrotados; Rajk foi derrotado na Hungria; Gomulka, na Polónia.

A minha língua materna – escrever na minha língua materna – é, para mim, o mais importante. E o meu país, onde o que eu escrevia podia ser impresso e chegar aos leitores, fazia parte do Império de Leste. O meu propósito, o meu objectivo, era manter viva a liberdade de pensamento especificamente na minha área; e, em total consciência e na plenitude das minhas capacidades, procurei subordinar a minha conduta ao cumprimento desse objectivo. Aceitei um cargo oficial no estrangeiro porque isso me permitia escapar à pressão directa e, assim, arriscar mais no que enviava aos meus editores do que os meus pares que se encontravam no país. Não queria emigrar e, com isso, abdicar de toda e qualquer hipótese de intervir no que estava a acontecer no meu país. Mais tarde, haveria de chegar o momento em que me veria forçado a admitir que também eu fora derrotado.

Para entender o curso dos acontecimentos na Europa Central e de Leste durante os primeiros anos do pós-guerra, há que ter noção de que as condições sociais do período anterior à guerra pediam reformas de fundo. Há também que entender que o jugo nazi levava a uma profunda desagregação da ordem vigente. Nessas circunstâncias, a única esperança era instaurar uma ordem social que, embora nova, não seria uma cópia do regime russo. Assim, aquilo que se planeou em Moscovo – uma etapa no caminho para a servidão – foi voluntariamente aceite pelos países envolvidos como se de verdadeiro progresso se tratasse. Não tendo mais a que se agarrar, os homens agarram-se a ilusões.

O Método – o materialismo dialéctico na versão de Lenine e de Estaline – exerce um tremendo fascínio sobre os homens de hoje. Nas democracias populares, os comunistas falam da Nova Fé e comparam o seu crescimento ao do

cristianismo no Império Romano. Em França, foi criado um grupo de padres operários, que trabalham nas fábricas como qualquer outro operário e que levam o Evangelho à massa laboral enquanto comungam em pleno das condições de vida da mesma. Uma grande percentagem destes homens abandonou o catolicismo e converteu-se ao comunismo. Este exemplo ilustra a intensidade da luta ideológica que está a ser travada nos dias de hoje. E não esqueçamos que, nas democracias populares, a doutrinação conta com o apoio de todo o aparelho de Estado.

Passei muitos anos em debate com aqueles de entre os meus amigos que, aos poucos, se foram vergando perante a influência mágica da Nova Fé. Simultaneamente, esse debate foi acontecendo também no meu íntimo – era mais do que um debate, diga-se; essa palavra não traduz a tensão emocional em que eu vivia. À medida que todos os centros nevrálgicos do país ficavam sucessivamente nas mãos dos apoiantes de Moscovo, vi-me forçado a abandonar – também eu de forma sucessiva – as minhas crenças filosóficas, isto se não queria cair ao precipício. E, para mim, o precipício era o exílio, a pior sina de todas, já que se traduziria na esterilidade e na inacção.

Por fim, vi-me encostado à parede; havia que fazer uma opção decisiva. Falo do momento em que o «realismo socialista» foi introduzido na Polónia. Ao contrário do que alguns pensarão, o «realismo socialista» não é apenas uma teoria estética à qual o escritor, o músico, o pintor ou o produtor teatral se viram forçados a aderir; na verdade, traz por acréscimo toda a doutrina leninista-estalinista. Se os escritores e os pintores não são obrigados a filiar-se no Partido, tal sucede porque esse passo é desnecessário. Ao seguirem o «realismo socialista», passam a contar-se, automática e inevitavelmente, entre os seguidores de Estaline. O «realismo socialista» extravasa largamente a questão estética,

a preferência por um estilo de pintura ou de música em detrimento de outro. Reporta-se às convicções que alicerçam a existência humana. No campo da literatura, vem proibir aquilo que, em todas as épocas, sempre foi a tarefa fundamental do escritor: olhar o mundo de um ponto de vista independente, o seu, para mostrar a verdade tal como a vê e assim ser um vigilante ao serviço da sociedade. Porque isso fica bem, prega o princípio da dúvida ante um sistema de ética que é um mero pró-forma, mas, na verdade, tudo é julgado segundo os interesses da ditadura. Qual orquestra a tocar num campo de concentração, a fanfarra abafa o sofrimento humano; e eu, enquanto poeta, tinha lugar reservado entre os primeiros-violinos.

Consideremos friamente o meu problema. No meu país, a Polónia, eu tinha amigos, família, os teatros onde as minhas traduções de Shakespeare estavam a ser levadas à cena e editores dispostos a publicar o que eu escrevesse. E, sobretudo, tratava-se do meu país e da minha língua – e o que é um poeta sem a sua língua? Podia ter tudo isto, mas por um preço: a obediência.

O momento concreto em que decidi cortar com o Bloco de Leste pode entender-se, do ponto de vista psicológico, de várias formas. Olhando de fora, é fácil ver tal decisão como uma consequência básica da aversão à tirania. Mas, na verdade, pode dever-se a vários motivos, nem todos assim tão nobres. No meu caso, não foi uma decisão racional; não a ditou o meu cérebro, mas sim o meu estômago às voltas. Um homem pode recorrer à argumentação lógica para se persuadir de que engolir sapos vivos é ótimo para a saúde; e, convencido pela via racional, talvez consiga engolir um primeiro sapo e depois um segundo; ao terceiro, porém, ficará com o estômago às voltas. Da mesma forma, todo o meu ser acabou por rejeitar a crescente influência da doutrina na minha maneira de pensar.

Recusar ser cúmplice, seja de que maneira for, com a tirania do Leste – bastará isso para nos deixar de consciência tranquila? Não creio. Ganhei a liberdade, mas não quero esquecer que a cada dia corro o risco de voltar a perdê-la. Porque também no Ocidente somos pressionados no sentido do conformismo – a conformarmo-nos a um sistema que é o oposto daquele ao qual fugi. A diferença é que, no Ocidente, podemos resistir a essa pressão sem que nos declarem culpados de um pecado capital.

O meu livro leva o leitor numa viagem pelo mundo habitado pelos intelectuais de Varsóvia, de Praga, de Bucareste e de Budapeste. Se esse mundo me é familiar, ao leitor poderá parecer estranho, exótico até. Tento explicar como funciona a mente numa democracia popular. Se consegui escrever este livro, foi porque o sistema inventado por Moscovo me parecia – e continua a parecer – infinitamente estranho. Toda a civilização, se olhada de uma perspectiva simples e ingênua (como fez Swift com a Inglaterra do seu tempo), apresentará uma série de características bizarras, mas que todos aceitam como perfeitamente naturais, porque lhes são familiares. Ora, em nenhum outro caso é isso tão evidente como no da nova civilização do Leste, a qual molda as vidas de oitocentos milhões de seres humanos. Acredito que apenas começámos a entender o que aconteceu e que, em anos vindouros, milhares de livros analisarão este fenómeno que nos deixa tão estupefactos quanto repugnados.

Ao mesmo tempo, este livro é um campo de batalha no qual dei forma ao meu combate contra a doutrina que rejeitei. E isso explica o método que usei para o escrever: dou armas ao inimigo, sigo a sua argumentação e, em dadas alturas, chego mesmo a copiar-lhe o raciocínio. Por outras palavras, procuro recriar as etapas ao longo das quais a mente vai cedendo a uma compulsão exterior e refazer o caminho que, nas democracias populares, conduz os homens à ortodoxia.

## CAPÍTULO I

### A Cura de Murti-Bing

Foi só quase a meio do século xx que os habitantes de muitos países europeus se deram conta – regra geral, de maneira desagradável – de que o seu destino podia ser directamente influenciado pelos mais enrodilhados e abstrusos livros de filosofia. O pão que comiam, o seu trabalho, a sua vida privada – tudo isso começou a depender desta ou daquela escolha em questões de princípios a que, até então, nunca nenhum deles ligara. Aos seus olhos, o filósofo sempre tinha sido uma espécie de sonhador cujas divagações em nada influenciavam a realidade. O homem comum, mesmo tendo já tido contacto com a filosofia, via-a como uma coisa inútil, sem aplicação prática. Por isso, toda a obra intelectual dos marxistas pôde facilmente passar como apenas mais uma variação em torno de um passatempo estéril. Só um punhado de indivíduos entreviu as causas e as prováveis consequências desta indiferença generalizada.

Em 1932, em Varsóvia, surgiu um livro curioso, intitulado: *Insaciabilidade*, um romance em dois volumes. O autor era Stanislaw Ignacy Witkiewicz, pintor, escritor e filósofo – concebera um sistema filosófico semelhante ao da monadologia de Leibniz. Tal como no seu romance anterior, *Pozegnanie jesieni* [*Adeus ao Outono*], a linguagem era difícil, cheia de neologismos. Descrições brutais de cenas eróticas alternavam com páginas e páginas em que se discutia Husserl, Carnap e outros filósofos contemporâneos. Adicionalmente, nem sempre se percebia se o autor falava a sério e o tema parecia ser pura fantasia.

A acção decorre na Europa, mais precisamente na Polónia, num futuro próximo ou talvez no presente – ou

seja, nos anos trinta, quarenta ou cinquenta. O grupo social retratado inclui músicos, pintores, filósofos, aristocratas e militares de alta patente. O livro, todo ele, não é mais do que um estudo da decadência; a música é insana e dissonante; o erotismo é perverso; o uso de drogas é generalizado; o pensamento é nulo; as conversões ao catolicismo são fingidas; e todos têm personalidades complexamente doentias. Toda esta decadência reinou numa altura em que se acreditava que a civilização ocidental estava sob a ameaça de um exército vindo do Oriente, um exército sino-mongol que já conquistara todo o território entre o Pacífico e o Báltico.

Desprovidas de fé e sem encontrar sentido no que fazem, as personagens de Witkiewicz são infelizes. Esta atmosfera de decadência e de falta de um propósito estende-se a todo o país. É nessa altura que surgem inúmeros vendedores ambulantes pelas cidades a apregoar as pílulas de Murti-Bing. Murti-Bing é um filósofo mongol que descobriu o modo de difundir organicamente uma «filosofia de vida». E a dita «filosofia de vida» de Murti-Bing – que é, afinal, a grande força do exército sino-mongol – encontra-se altamente concentrada em comprimidos. Aquele que os tomar transforma-se por completo. Fica sereno e feliz. De repente, os problemas com que até ali se debatia parecem-lhe superficiais e sem importância. E, condescendente, sorri ao ver outros ainda ralados com tais questões. O maior efeito verifica-se sobre tudo quanto diga respeito a problemas ontológicos sem solução. Aquele que toma os comprimidos de Murti-Bing fica imune a quaisquer preocupações metafísicas. Para ele, os excessos em que a arte cai quando as pessoas procuram vãmente na forma um meio de aplacar a fome espiritual tornam-se meras parvoíces fora de moda. Já não encara a chegada do exército sino-mongol como uma tragédia para a sua civilização. Passa a viver entre os



compatriotas como um são entre loucos. É aqui que mais e mais pessoas começam a recorrer à cura de Murti-Bing e a sua calma contrasta marcadamente com o nervosismo que as rodeia.

O epílogo, resumido: o eclodir da guerra deixa frente-a-frente os dois exércitos, o do Ocidente e o do Oriente. No momento decisivo, mesmo antes da grande batalha, o líder do exército ocidental rende-se; em troca, ainda que sob todas as honras, é decapitado. O exército oriental ocupa o país e é o início de uma nova forma de vida — o murti-binguismo. Os protagonistas do romance, antes atormentados pela «insaciedade» filosófica, passam a servir a nova ordem. Em vez da anterior música dissonante, compõem agora marchas e odes. Em vez das abstracções de antes, passam a pintar quadros úteis à sociedade. Mas, incapazes de se livrar completamente da sua antiga personalidade, tornam-se esquizofrénicos.

Está contado o romance. O autor expressou amiúde a sua convicção de que a religião, a filosofia e a arte se encontram no último estertor. Mas, sem elas, a vida parecia-lhe nada valer. Em 17 de Setembro de 1939, ao saber que o Exército Vermelho entrara na Polónia pelo lado este, suicidou-se — tomou *Veronal* e cortou os pulsos.

Hoje, a visão de Witkiewicz está a cumprir-se até aos mais ínfimos detalhes numa vasta área do continente europeu. Talvez a luz do Sol, o cheiro da terra, os pequenos prazeres do quotidiano e a entretenha do trabalho consigam de alguma maneira aliviar as tensões provocadas por todo este processo. Mas, por baixo de toda esta azáfama do quotidiano, eis a consciência permanente de que há uma escolha irrevogável a fazer: morrer (física ou espiritualmente) ou renascer em conformidade com um método imposto — ou seja, haverá que tomar os comprimidos de Murti-Bing. Os ocidentais tendem a olhar os países

convertidos como vítimas da tirania e da coacção. O que é um erro. O anseio íntimo pela harmonia e pela felicidade é mais profundo do que o banal medo ou do que o desejo de escapar à infelicidade ou à destruição física. O destino daqueles que, como Witkiewicz, são absolutamente consistentes e não dialécticos serve de alerta para muitos intelectuais. A toda a volta, pelas ruas da cidade, o intelectual não vê senão sombras assustadoras – gente implacavelmente fechada em si, que se exclui de tudo e acaba consumida pelo ódio.

Para entender a situação de um escritor numa democracia popular, temos de nos perguntar o que o motiva e, também, como faz ele para manter o equilíbrio. Diga-se o que se disser, a Nova Fé permite levar uma vida activa e produtiva. E a cura de Murti-Bing é mais tentadora para um intelectual do que para um camponês ou um operário. Para um intelectual, a Nova Fé é uma vela acesa em torno da qual ele vai esvoaçando como uma traça. No fim, lança-se à chama em prol da Humanidade. Não devemos encarar com ligeireza este desejo de auto-imolação. Durante as guerras religiosas, correu sangue a rodos por toda a Europa e aquele que hoje adere à Nova Fé está a pagar a dívida para com essa tradição europeia. Estão em jogo questões bem mais significativas do que a do simples uso da força.

Tentarei identificar esses anseios humanos mais profundos e discuti-los como se fosse de facto possível analisar aquilo que é carne e sangue no Homem. Querendo descrever os motivos que fazem um homem tornar-se num revolucionário, faltar-me-ia seja a necessária eloquência, seja a necessária contenção. Reconheço admirar exageradamente os que lutam contra o mal, sejam os fins e os meios escolhidos certos ou errados. Mas não admiro os intelectuais que se *adaptam* – embora o facto de se terem adaptado, não sendo portanto genuínos

revolucionários, em nada diminua o zelo e o entusiasmo recém-adquiridos.

Há, parece-me, um punhado de conceitos-chave que nos poderão ajudar a entender o que os leva a aceitar a cura de Murti-Bing.

## O VAZIO

A sociedade retratada por Witkiewicz distingue-se pelo facto de a religião já não constituir um poder. E há que dizer que a religião já há muito perdeu o seu poder sobre as mentes, não apenas nas repúblicas populares, mas no geral. Enquanto as mentes mais brilhantes andaram ocupadas com questões teológicas, fazia sentido falar de dada religião como o meio pelo qual se pensava o organismo social no seu todo. Todas as questões que mais preocupavam as pessoas eram referidas e discutidas nos termos dessa religião. Mas falamos de uma era agora moribunda. Pouco a pouco, passo a passo, chegámos à ausência de um sistema de pensamento comum a todos, capaz de unir o camponês que ceifa, o estudante que estuda lógica matemática e o mecânico que trabalha numa fábrica de automóveis. Desta ausência emerge uma dolorosa sensação de distanciamento ou de abstracção que oprime os «criadores de cultura». A religião foi substituída pela filosofia – que, no entanto, se desviou para esferas cada vez menos acessíveis a um leigo. Os trechos em que as personagens de Witkiewicz discutem Husserl dificilmente interessarão sequer a um leitor com formação acima da média; por outro lado, os camponeses mantiveram-se ligados à Igreja, ainda que o vínculo seja apenas emocional, por tradição. Música, pintura e poesia tornaram-se matérias a que a vasta maioria é completamente alheia. Surgiu a teoria

de que a arte deveria agir como substituto da religião — que os «sentimentos metafísicos» deveriam ser reduzidos a «formas puras»; e foi assim que depressa a forma dominou o conteúdo.

Pertencer às massas é o grande anseio do intelectual «alienado». E é um anseio tão forte que, ao tentar aplacá-lo, muitos dos que antes buscavam inspiração na Alemanha ou em Itália se converteram agora à Nova Fé. Na verdade, o programa totalitário da direita era espantosamente pobre. A única recompensa oferecida era o *conforto* do colectivo: multidões, rostos corados, bocas abertas a gritar, marchas e gente armada com paus; mas a satisfação racional era pouca. As doutrinas racistas, o ódio aos estrangeiros e a glorificação das tradições nacionais não chegaram para apagar a sensação de que todo esse programa fora improvisado para lidar com os problemas da altura. Mas o caso de Murti-Bing é diferente. Há um fundamento científico. Ao mesmo tempo, varre todos os vestígios do passado. A filosofia pós-kantiana, caída no descrédito por conta do seu afastamento da vida comum; a arte feita para os que, não tendo uma religião, não se atrevem a admitir que buscam o «absoluto» na justaposição das cores ou dos sons (uma maneira de pensar que é cobarde e inconclusiva); e a mentalidade, em parte mágica, em parte religiosa, dos camponeses — tudo isto é substituído por um sistema *único*, por uma linguagem de ideias comum a todos. Tomemos o exemplo de uma editora: tanto o camionista como o rapaz do elevador que lá trabalham lêem agora os mesmos clássicos marxistas que o editor ou a equipa editorial. Um trabalhador à jorna e um historiador podem agora entender-se na base do que lêem, porque lêem o mesmo. Obviamente, ao nível mental, poderá haver entre eles a mesma diferença que separava um teólogo de um ferreiro de aldeia na Idade Média.

Mas os princípios básicos são universais; o grande fosso espiritual foi obliterado. O materialismo dialéctico uniu toda a gente e, uma vez mais, é a filosofia (a dialéctica) a determinar como se vive – começa de novo a ser olhada com o respeito que reservamos para as forças das quais depende tudo o que é mais importante: pão e leite para os nossos filhos, e a nossa felicidade e segurança. O intelectual voltou a ser útil. Aquele que anteriormente reflectia e escrevia nas horas vagas, a seguir ao trabalho, num banco ou no posto do correio, onde ganhava o sustento, encontrou agora o seu legítimo lugar no mundo. Foi reintegrado na sociedade; e os homens de negócios, os aristocratas e os comerciantes que antes o viam como um pobre coitado inofensivo, vêem-se agora sem nada. E o facto é que ficam encantados ao arranjar trabalho num bengaleiro, onde agora recebem o casaco de um antigo funcionário de quem disseram, antes da guerra: «Parece que ele escreve umas coisas.» Mas não simplifiquemos excessivamente as recompensas da ambição pessoal; elas são apenas os sinais exteriores e visíveis de quem é útil à sociedade, os símbolos de um reconhecimento que fortalece o sentimento de *integração* dos intelectuais.

## O ABSURDO

Raramente se invocam motivos metafísicos para explicar uma mudança de posição extrema por parte de alguém nas suas convicções políticas, mas o facto é que eles existem e podem ser observados em alguns homens do mais sensível e inteligente que há. Imaginemos um dia de Primavera numa qualquer cidade num país como o que Witkiewicz descreve no seu romance. Um dos protagonistas está a dar um passeio. Anda atormentado pela *vertigem* do absurdo,

chamemos-lhe assim. Qual o sentido das vidas daqueles com quem se cruza, da azáfama sem pés nem cabeça, do riso, da corrida atrás do dinheiro, das estúpidas distrações animalescas? Com um mínimo de inteligência, facilmente poderá classificar os transeuntes por tipo; pode adivinhar-lhes a posição social, os hábitos e o que os inquieta. Um instante fugaz basta para se lhes conhecer a infância, a idade adulta e a velhice; e já se afastaram, seguindo o seu caminho. Uma avaliação puramente fisiológica de dado transeunte em detrimento de outro nada significa. Acedendo ao pensamento destas pessoas, não se encontraria senão disparates. Vivem na completa ignorância de que nada têm de individual, de que tudo neles se deve à sua formação histórica – a ocupação profissional, a roupa que vestem, os seus gestos e expressões, as suas crenças e ideias. São a personificação da força da inércia, vítimas daquele delírio que afirma que cada indivíduo é único. Se ao menos estivessem ali almas, como julgava a Igreja ou como propunha Leibniz nas suas mónades! Mas tais convicções morreram. Resta tão-só a aversão a uma concepção fragmentada da vida, àquela mentalidade que *isola* cada fenómeno – comer, beber, vestir, ganhar dinheiro, fornicar. Mas e o que está para lá de tudo isso? Devemos manter as coisas nestes termos? E porque deveríamos dar continuidade a semelhante forma de pensar? Tais questões são quase sinónimas daquilo que se conhece como o ódio à burguesia.

Surja, pois, um novo homem, que, em lugar de se submeter ao mundo, o transforma. Que ele crie uma nova formação histórica, em vez de se deixar escravizar pela que existe. Só assim se redimirá do absurdo da sua existência fisiológica. Isto é algo que o homem apenas entenderá à força e através do sofrimento. E porque não haveria de sofrer? Deve sofrer. Porque não haveria o homem de ser tratado como esterco, caso continue mau e estúpido? Se o intelectual é

forçado a conhecer a agonia do pensamento, porque deveria poupar os demais a essa dor? Porque deveria ele proteger os que até agora se limitaram a beber, a rir como alarves, a empanturrar-se, a contar anedotas imbecis e a achar que a vida é bela?

O intelectual fica de olhos a brilhar ao ver a sociedade dar caça à burguesia e à mentalidade burguesa. É a melhor das recompensas depois da degradação de ser obrigado a pertencer à classe média e dos tempos em que parecia não haver como fugir ao ciclo do nascimento e da morte, sem nada para além disso. Agora, ele vive momentos de pura inebriação ao ver a *intelligentsia*, não acostumada aos rigores do pensamento severo, apanhada nas malhas da revolução. Os camponeses, que escondem o ouro que conseguiram juntar e que escutam os noticiários do estrangeiro na esperança de uma guerra que os salve da colectivização, certamente não terão no intelectual um aliado. Mas o intelectual é bom e compassivo; é amigo da Humanidade. Não da Humanidade como ela é, mas como *deveria* ser. Chega a ter certa semelhança com o inquisidor da Idade Média; mas, enquanto este último torturava a carne convicto de que estava a salvar a alma do indivíduo, o intelectual da Nova Fé age em prol da salvação da espécie humana no seu todo.

## NECESSIDADE

A principal característica deste intelectual é o medo que tem de pensar pela sua cabeça. Não falo apenas do medo de chegar a conclusões perigosas. O medo deste intelectual é o medo da esterilidade, daquilo a que Marx chamou a infelicidade da filosofia. Admitamos que cada homem é tão-só um instrumento numa orquestra cujo maestro é a musa da



História. Só nesse contexto as notas que ele toca têm algum significado. De outra forma, mesmo os seus solos mais brilhantes não passarão de uma distração elitista.

Não se discute aqui a questão de como encontrar coragem para enfrentar a maioria. Antes se trata de examinar uma questão bem mais pungente: pode um escritor escrever bem fora dessa corrente singular que é a do real, cuja vitalidade brota da harmonia com as leis da História e com a dinâmica da realidade? Os poemas de Rilke poderão ser excelentes, mas, se o são, é porque houve alguma razão para surgirem quando surgiram. Poemas contemplativos como os dele jamais poderiam ter surgido numa democracia popular, não só porque teria sido difícil publicá-los, mas porque o impulso que leva um poeta a escrevê-los teria sido cortado pela raiz. As condições objectivas para esse género de poesia desapareceram e o intelectual de quem falo não quer escrever para guardar na gaveta. Este intelectual perde a cabeça e brada contra a censura e contra as exigências das grandes editoras. Mas, ao mesmo tempo, desconfia profundamente da literatura não legitimada. O aval que ele próprio recebe dessas editoras não significa que o editor aprecie os méritos artísticos do seu livro ou que espere que o mesmo venha a conquistar os leitores. Tal legitimação é apenas o comprovativo de que o autor conseguiu retratar as mudanças ocorridas na realidade com uma exactidão científica. Na versão estalinista, o materialismo dialéctico reflecte e, ao mesmo tempo, conduz tais mudanças. Cria as condições sociais e políticas em que um homem já só reflecte e escreve porque tal é necessário. E ele aceita essa «obrigação» porque só há mérito naquilo que é necessário. Eis as garras da dialéctica. O escritor não se rende a esta «obrigação» apenas porque teme pela vida. Ele teme por algo bem mais precioso – pela importância da sua obra. Convenceu-se de que as «filosóficas» conduzem, em maior ou menor grau, à grafomania. Todo aquele que se vê apanhado

nas garras da dialéctica é forçado a admitir que o pensamento dos filósofos isolados — aqueles que não se apoiam no sancionado — é um disparate pegado. Ora, se assim é, então há que concentrar todos os nossos esforços em seguir a rota estabelecida, e esse é um caminho sem retorno. O que diz A deve dizer B. Ora, o que A diz é fácil de engolir. E aqui temos a primeira pílula de Murti-Bing, que facilmente passa despercebida; podem servi-la em qualquer um dos vários pratos que compõem o menu do intelectual contemporâneo. Detectá-la requer um espírito excepcionalmente exercitado, e, sobretudo, requer uma ordem interior e não o vazio. Mas eu não sou filósofo, portanto, não tenho ambições de analisar este sujeito A.

A pressão do aparelho de Estado nada é quando comparada à pressão de um argumento convincente. Estive nos congressos de artistas na Polónia nos quais as teorias do realismo socialista foram pela primeira vez discutidas. A atitude da plateia para com os conferencistas que iam fazendo as intervenções a que eram obrigados foi de declarada hostilidade. Todos olharam o realismo socialista como uma teoria imposta oficialmente e que só poderia ter resultados deploráveis, como o prova a arte russa. Qualquer tentativa de promover o debate era em vão; a assistência mantinha-se silenciosa. Ainda assim, havia sempre algum artista mais temerário que se lançava num ataque carregado de sarcasmo contido, com o apoio silencioso, porém óbvio, de toda a assistência. E, inevitavelmente, o artista em causa acabava esmagado por uma argumentação bem mais hábil, acompanhada de lacónicas ameaças contra a carreira futura dos que se mostrassem indisciplinados. Num semelhante quadro — uma argumentação convincente, acompanhada de tais ameaças —, a conversão é inevitável. É uma certeza matemática.

Nestes congressos, as expressões na assistência não eram inteiramente legíveis, porque, nessa altura, a arte de esconder o que de verdade se sente já fora consideravelmente aperfeiçoada. Ainda assim, iam-se sentindo no ar as emoções colectivas, que chegavam por vagas: revolta, medo, estupefacção, desconfiança e, por fim, apreensão. Pareceu-me estar a assistir a uma sessão de hipnose em grupo. A seguir, esses mesmos andavam pelos corredores a rir e a dizer piadas. Mas o arpão fora cravado; doravante, onde quer que fossem, estariam presos. Se acredito que a dialéctica dos oradores era irrefutável? Sim, porque não se discutiram as bases da metodologia. Ninguém de entre os presentes viera preparado para essa discussão. Muito provavelmente, a mesma teria redundado num debate sobre Hegel, cujo público-alvo não inclui pintores nem escritores. Além disso, ainda que alguém desejasse pôr em marcha esse debate, depressa teria sido silenciado, porque tais discussões apenas são permitidas nas esferas superiores do Partido — e, mesmo aí, não sem algum receio.

Tais congressos de artistas apenas revelam o desequilíbrio de forças entre o dialectista e o seu adversário. Um confronto entre os dois seria como um duelo entre um soldado de infantaria e um tanque. Não que todo e qualquer dialectista seja assim tão inteligente ou culto; simplesmente, cada afirmação sua vem enriquecida pelo pensamento acumulado dos mestres e dos que já os discutiram. Se cada frase que o dialectista profere é estanke e eficaz, o mérito não lhe cabe a ele, mas às obras que estudou. Os seus ouvintes não têm defesa possível. Podem, é certo, recorrer a argumentos colhidos na sua observação da vida, mas acontece que tais argumentos são tão desencorajados quanto o questionar da metodologia fundamental. O dialectista vai assim desafiando a assistência em sucessivos encontros de organizações profissionais e de grupos de jovens, em clubes,

fábricas, edifícios de escritórios e em celeiros de aldeias, um pouco por toda a Europa. E, inquestionavelmente, é sempre ele a sair vitorioso de cada um desses encontros.

Não espanta, pois, que um escritor ou um pintor se questione se será boa ideia resistir. Tivesse ele a certeza de que uma arte em reacção às directivas oficiais teria longevidade e o mais certo era que não hesitasse. Ganharia a vida numa qualquer ocupação menor dentro da sua área, escreveria ou pintaria nas horas vagas e jamais se preocuparia com a publicação ou a exposição do seu trabalho. O problema é ele acreditar que, na maioria dos casos, tal obra seria artisticamente pobre – e não anda longe da verdade ao pensar assim. Como já dissemos, as condições objectivas que ele conheceu anteriormente desapareceram. As condições objectivas necessárias à criação de uma obra de arte são, como sabemos, um fenómeno muitíssimo complexo, que envolve o público, a possibilidade de o artista ter contacto com esse público, o clima que se vive e, acima de tudo, a liberdade interior – que o artista não se controle involuntariamente. «Não consigo escrever como gostaria», admitiu um jovem poeta polaco em conversa comigo. «A minha corrente de pensamento tem tantos afluentes que, mal represei um, já um segundo, um terceiro e um quarto estão a transbordar. Vou a meio de uma frase e já a estou a avaliar segundo os princípios marxistas. Imagino o que X ou Y irão dizer e então altero a segunda parte.»

Por paradoxal que pareça, é esta impotência subjectiva a convencer o intelectual de que há uma única via a seguir – a do Método. E tudo o comprova. Diz a dialéctica: prevejo que a casa vai arder. E rego o fogão com gasolina. A casa arde; a minha previsão cumpriu-se. Diz a dialéctica: prevejo que uma obra de arte incompatível com o realismo socialista será artisticamente nula. Então, sujeito o artista a condições em que tal obra é nula. A minha previsão cumpriu-se.

Tome-se o exemplo da poesia. Claro que há poesia com alcance político. Desde que observe certas condições, a lírica é permitida. Deverá ser: 1) serena; 2) desprovida de quaisquer elementos do pensamento que violem os princípios estabelecidos [na prática, apenas são admitidas as descrições da natureza e dos sentimentos que o poeta nutre pelos seus amigos e família]; 3) compreensível. E, uma vez que um poeta proibido de *pensar* ao compor os seus versos tende automaticamente a trabalhar a forma, é então acusado de formalismo.

Mas não é apenas a literatura e a pintura das democracias populares a provar ao intelectual que as coisas *não podem ser de outra forma*. Esta sua convicção é reforçada pelas notícias que vão chegando do Ocidente. O mundo ocidental é o mundo do romance de Witkiewicz. As suas aberrações estéticas e filosóficas são incontáveis. Discípulos copiam outros discípulos e o passado imita o passado. É um mundo que vive como se a Segunda Guerra Mundial não tivesse acontecido. Os clãs intelectuais da Europa de Leste conhecem essa vida, mas sabem tratar-se de uma etapa já ultrapassada e que não vale a pena revisitar. Mesmo se os novos problemas são tão opressivos que chegam a esmagar muitos, ao menos são problemas contemporâneos. E tanto a disciplina mental como a obrigação de se ser claro são, sem dúvida, preciosas. O trabalho dos melhores pensadores e artistas ocidentais passa despercebido. Os únicos novos nomes que se conhecem são os de «democratas» – delicado eufemismo para referir os não pagãos. Em suma, a recompensa para todo o sofrimento é a certeza de que se pertence a este novo mundo que no fim sairá vitorioso, muito embora não seja, nem por sombras, um mundo tão confortável e feliz como a propaganda gostaria de nos convencer.

## SUCESSO

Todas as manobras políticas decididas nas altas esferas de Moscovo, a longínqua Sede, estão envoltas em mistério. Das figuras mais destacadas, fala-se a medo. Na vasta Eurásia, nações inteiras desaparecem sem deixar rasto. Nos exércitos, os efectivos são aos milhões. O terror torna-se socialmente útil e eficaz. As leis, ditam-nas os filósofos – não falo de filósofos no sentido tradicional, claro, mas de dialectistas. Cresce a convicção de que, no fim, o mundo inteiro será conquistado. Por todos os continentes surgem grandes hordas de seguidores. De sementes de verdade brotam mentiras. A burguesia – esse inimigo desprovido de educação filosófica – é desprezada pela sua incapacidade intrínseca de reflectir. (As classes condenadas pelas leis da História desaparecem porque têm a mente paralisada.) Do lado ocidental, as fronteiras do Império vão alargando de forma gradual e sistemática. Gastam-se quantias sem precedentes na investigação científica. Tudo isto em preparação para governar todos os povos da Terra. Será, ainda assim, insuficiente? Chega para fascinar o intelectual, disso não há dúvida. Ao contemplar tudo isto, o intelectual sente enraizar-se nele o fatalismo histórico. Num raro momento de sinceridade, pode admitir com cinismo: «Estou a apostar neste cavalo. É fiável. Há-de levar-me longe.»

Mas engolir *por inteiro* a cura Murti-Bing não é fácil. O paciente fica com os nervos em franja e pode até adoecer. Ele sabe que uma cura integral significa um adeus definitivo ao seu eu anterior, aos velhos laços e hábitos. Um escritor, por exemplo, agora não consegue agarrar num lápis. O mundo parece-lhe negro e sem esperança. Até aqui, o preço a pagar era irrisório; apenas tinha de descrever, nos seus livros

e artigos, os males da sociedade capitalista. Ora, o facto é que não é difícil criticar o capitalismo, e podemos fazê-lo com honestidade. Os charlatães da bolsa, os barões feudais, os artistas que se enganam a si mesmos e os instigadores de guerras nacionalistas são figuras que se prestam ao ataque. Agora, porém, o escritor terá de começar a *louvar*. (Na terminologia oficial, isto corresponde à transição do realismo crítico para o realismo socialista. Foi o que aconteceu nas novas democracias populares por volta de 1950.) A mudança que o escritor terá de operar em si mesmo é aquela a que alguns dos seus amigos já se submeteram, com maior ou menor sofrimento. Conhecedores do processo e do seu resultado, todos eles anuem em solidariedade. «Eu consegui ultrapassar», dizem, serenos. «Mas ele está a sofrer tanto... Passa o dia fechado em casa, com a cabeça nas mãos.»

O mais difícil de se vencer é o sentimento de culpa. Independentemente das suas convicções, qualquer homem nos países de que falo pertence a uma civilização antiga. Os seus pais tinham uma fé, ou, pelo menos, respeitavam a religião. Na escola, foi educado de acordo com sólidos princípios religiosos. Necessariamente, alguns vestígios emocionais dessa aprendizagem formadora acabam por ficar. Sem olhar a mais, esse homem acreditará sempre que fazer mal ao próximo, mentir, matar e encorajar o ódio é errado, ainda que o fim a alcançar seja sublime. E, obviamente, ele estudou a história do seu país. Foi com prazer e vaidade que leu os poetas e os filósofos do passado. Orgulhava-se dos séculos de luta do seu país para defender as fronteiras e da sua resistência nos períodos mais negros, quando forças estrangeiras o ocuparam. De forma consciente ou inconsciente, nutre uma certa lealdade para com os seus antepassados, pelo seu historial de luta e de sacrifício. Além disso, desde a mais tenra infância, foi-lhe



ensinado que o seu país pertence a uma civilização que descende de Roma e não de Bizâncio.

Agora, sabendo-se prestes a transpor uma porta sem possibilidade de regresso, ele sente que está a fazer *algo de errado*. Explica a si mesmo que tem de eliminar esse sentimento, que é irracional e infantil. Apenas poderá ser livre arrancando de si as raízes do que é, irremediavelmente, o passado. Mas a batalha continua. E é uma batalha cruel — uma luta entre um anjo e um demónio. Certo, mas qual o anjo e qual o demónio? Um tem um rosto luminoso, que ele conhece desde a infância, portanto, deve ser o anjo. Mas não, porque esse rosto é enrugado e feio. É a face da velha ordem, das estúpidas associações de estudantes, da imbecilidade senil dos políticos, da decadência da Europa Ocidental. É a morte e a decadência. Já o outro rosto é forte e cheio de autodomínio, a face de um amanhã que o atrai. Mas angelical? Dificilmente.

Fala-se muito de patriotismo, de tradições nacionais tão benéficas quanto progressistas, de veneração pelo passado. Mas ninguém é ingénuo a ponto de levar a sério esta conversa. Reconstruir um punhado de monumentos históricos ou reeditar as obras de escritores do passado não altera certos factos que são reveladores e importantes. Cada democracia popular torna-se numa província do Império e passa a obedecer aos decretos da Sede. Mantém alguma autonomia, certo, mas em grau cada vez menor. Talvez a era dos Estados independentes tenha terminado e os mesmos não sejam hoje mais do que peças de museu. Mas é triste termos de dizer adeus ao nosso sonho — os Estados Unidos da Europa, uma federação de nações em pé de igualdade na qual diferentes línguas e culturas teriam o mesmo estatuto. Não é nada agradável termos de nos render à hegemonia de uma nação ainda selvagem e primitiva, e de lhe reconhecer superioridade absoluta no

que toca a costumes e instituições, a ciência e a tecnologia ou a literatura e arte. Temos mesmo de sacrificar tanto em nome de uma Humanidade unida? As nações da Europa Ocidental passarão por esta fase de integração mais tarde e talvez de uma forma mais branda. É possível que sejam mais bem-sucedidas na preservação da sua língua materna e da sua cultura. O problema é que, nessa altura, já toda a Europa de Leste estará a usar a mesma língua universal: o russo. E o princípio de uma «cultura nacional na forma e socialista no conteúdo» consumir-se-á numa arte de uma uniformidade monolítica. Tudo será moldado pela Sede, ainda que, individualmente, os países possam manter algum colorido local – será o seu folclore. A Cidade Universal será uma realidade quando um filho das estepes da Quirguízia der de beber aos cavalos no rio Loire e quando um camponês da Sicília plantar algodão nos vales do Turquemenistão. Não admira que a propaganda a exigir a libertação das colónias das garras dos poderes imperialistas apenas faça o escritor sorrir. Oh, como é habilidosa a dialéctica! Como é tão engenhosa no alcançar, passo a passo, dos seus objectivos!

Tudo isto é amargo. Em que ficam as revoluções de 1848? Ou Karl Marx? Ou o ideal de uma Humanidade fraterna? Afinal, nada se consegue sem que haja um único amo com pulso de ferro. Mas e que amo é esse? Ao descrever a sua viagem aos países de Leste – onde esteve em 1824, enquanto preso político do czar –, Adam Mickiewicz, um grande poeta polaco, comparou a alma da nação russa a uma crisálida. E, ansioso, perguntou-se o que sairia mais tarde do casulo – «uma borboleta de asas cintilantes a bater, ou uma traça, uma escura criatura da noite?» Até agora, nada anuncia a borboleta cintilante.

Furioso e frustrado, o escritor pensa então nos comunistas ocidentais. No quão idiotas são! Poderia até perdoar-lhes

a oratória, se a exige a propaganda. O caso é que eles acreditam em quase tudo o que proclamam a respeito da sagrada Sede e isso é imperdoável. Nada se compara ao desprezo que o nosso escritor sente por tais idiotas sentimentais.

Mas, por mais que ele resista e desespere, o momento crítico vai-se acercando. Poderá chegar a meio da noite, ou quando ele estiver a tomar o pequeno-almoço, ou na rua. Será como quando, ao conduzir, metemos uma mudança. *Mas não há alternativa.* Isso é claro. Não há outra salvação à face da Terra. O momento da revelação dura um segundo apenas; e, de imediato, o paciente começa a recuperar. Pela primeira vez em muito tempo, torna a comer com apetite, os seus movimentos recuperam o vigor e a cor volta-lhe às faces. Senta-se, escreve um artigo «positivo» e maravilha-se com a facilidade com que o mesmo lhe saiu. Afinal, não havia motivo para tamanha angústia. Está tudo em ordem. Conseguiu ultrapassar o «momento crítico».

Mas não lhe escapará ileso. As sequelas manifestam-se numa peculiar forma de apagamento, amiúde perceptível num franzir dos lábios. A expressão do nosso escritor passa a denotar a tristeza apaziguada daquele que provou o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, de alguém que sabe estar a mentir e que se compadece dos que foram poupados ao conhecimento absoluto. Ele próprio já passou pelo mesmo que agora espera tantos outros.

Em 1945, um destacado jornalista soviético visitou a Polónia. Cavalheiro já de idade avançada, mais parecia um advogado da classe média. A sua extrema inteligência e a sua falta de escrúpulos eram evidentes; afinal, conseguira manter a sua posição e chegar àquela provecta idade. Ao regressar a Varsóvia depois de visitar várias cidades de província um pouco por toda a Polónia, contou aos amigos, por entre gargalhadas, um incidente ocorrido na Silésia.

Alguém espalhara que acabava de chegar uma delegação estrangeira vinda do Ocidente. Na rua, este nosso jornalista (cuja barriga proeminente e ar bonacheirão encorajam manifestações efusivas) foi abraçado por um homem que, então, agarrado a ele, se pôs a gritar: «Chegaram os Ingleses!» «Tal qual como na Ucrânia, em 1919» – foi o comentário do nosso jornalista ao incidente. Esta repetição de vãs esperanças divertia-o, tal como o enchia de satisfação ser escolhido como representante de um país regido por previsões infalíveis – porque o facto era que, uma atrás da outra, sucessivas nações tinham mesmo passado a integrar o Império e sempre na altura prevista. Não sei se não haveria, no sorriso dele, algo da pena *condescendente* que uma dona de casa sente quando vê o rato apanhado na ratoeira que ela armou.

O escritor que ultrapassou o «momento crítico» pode almejar ser um dia enviado numa missão jornalística deste género a um qualquer país ocidental que tenha acabado de aderir ao Império. Tal perspectiva tem o seu quê de agradável. Observar um povo ainda na ignorância e com tudo por aprender irá, sem dúvida, proporcionar-lhe momentos de pura doçura. O amo sabe que a ratoeira em que o rato se viu apanhado não é o lugar mais agradável para se viver. Mas, temporariamente, os cidadãos destes novos países acabados de converter mal se irão dar conta da sua nova situação. De início, ficarão cheios de alegria ao ver a bandeira nacional a ondular e ao ouvir a banda militar e o proclamar de reformas há muito esperadas. Só ele, o observador, divisará o futuro, qual deus – só ele saberá que esse futuro será duro, necessariamente duro, pois é essa a lei da História.

No epílogo do romance de Witkiewicz, os protagonistas, que passaram a servir Murti-Bing, ficam esquizofrénicos. Até nisto os acontecimentos actuais espelham a visão de

Witkiewicz. É possível sobreviver ao «momento crítico» e funcionar perfeitamente – escrever ou pintar, como de nós se espera –, mas os antigos valores morais e estéticos continuarão a existir a um nível mais profundo. Daí surge uma fractura no indivíduo que lhe dificulta muito o dia-a-dia – agora é-lhe bem mais fácil farejar pensamentos e inclinações heréticos, porque, graças à cisão ocorrida, o murti-binguista consegue pôr-se na pele do adversário sem qualquer dificuldade. Coexistem na sua pessoa a fase antiga e a nova fase, que, juntas, fazem dele um psicólogo com traquejo, o guardião da consciência do seu semelhante.

É de prever que a nova geração, que apenas conhecerá a nova sociedade, não sofra desta fractura. Mas isso não poderá acontecer de um momento para o outro. Haveria que erradicar completamente a Igreja e essa é uma questão difícil, e que exige paciência e tacto. E, mesmo que se pudesse eliminar esse venerado bastião dos impulsos irracionais, ficaria sempre a herança literária de cada país, pronta a exercer a sua influência maligna. As obras dos maiores poetas polacos, por exemplo, revelam aversão pela Rússia e estão carregadas de filosofia católica a níveis alarmantes. O caso é que o Estado tem de publicar alguns desses poetas e de os manter no currículo escolar, visto tratar-se dos clássicos, dos criadores da linguagem literária, sendo considerados os precursores da revolução. Incluí-los no índice dos livros proibidos seria pensar de forma não dialéctica e cair no pecado do «esquerdismo». Dilema de difícil resolução, este, mais nos países convertidos do que na Sede, onde se conseguiu levar mais longe a identificação da cultura nacional com os interesses da Humanidade (ainda que, mesmo lá, haja motivo para inquietação, porque a juventude, contra todos os apelos ao bom senso, teima em ler Dostoievski). Assim sendo, o mais provável é que o esquizofrénico, enquanto «espécie», não desapareça nos tempos mais próximos.

Alguns poderão argumentar que a cura de Murti-Bing é incompatível com a natureza humana. Fraco argumento. Os Astecas tinham a tradição de sacrificar humanos aos seus deuses e os primeiros eremitas cristãos praticavam a mortificação da carne – práticas, quer uma, quer outra, dificilmente louváveis. O culto do ouro tornou-se numa força de acção sem igual na sua brutalidade. Vista desta perspectiva, a cura de Murti-Bing não viola a natureza humana.

Se um homem que se submete à cura de Murti-Bing alcança a paz e a harmonia interiores, já é outra questão. Conseguirá chegar a um certo grau de harmonia, apenas o bastante para se manter activo – antes isso que o tormento da rebelião inútil e da esperança sem fundamento. Os camponeses, incorrigíveis nas suas tendências pequeno-burguesas, teimam que «as coisas têm mesmo de mudar, porque *assim não podem continuar*». Esta fé na ordem natural das coisas chega a ser cómica. É como a anedota do turista que queria subir à montanha, mas chovia há uma semana. Ao passear na margem de um riacho, o turista encontrou um montanhista e perguntou-lhe se iria continuar a chover assim. O montanhista olhou para as águas a subir e deu a sua opinião: que não, que não iria. Ao ser questionado quanto ao seu fundamento para semelhante previsão, respondeu: «Porque o riacho transbordaria.» Na óptica de Murti-Bing, os postulados mágicos deste tipo são fantasmas de uma era defunta. O «novo» vai lutando para se impor ao «antes», mas o «antes» não pode ser eliminado de um momento para o outro.

Só uma coisa parece negar a perfeição da cura de Murti-Bing: a apatia que surge nos indivíduos e que não desaparece apesar da actividade febril de todos eles. É difícil de definir e, em dados momentos, podemos tomá-la por mera ilusão óptica. Afinal, as pessoas mantêm-se activas;

trabalham, vão ao teatro, aplaudem conferencistas, fazem excursões em grupo, apaixonam-se e têm filhos. Há, porém, qualquer coisa impalpável e desagradável no clima humano de cidades como Varsóvia ou Praga. A atmosfera colectiva, resultante da troca e da recombinação das emanações individuais, é má. É uma aura feita de força e de infelicidade, de paralisia interior e agitação exterior. Chame-se-lhe o que se quiser, uma coisa é certa: se o Inferno garantisse aos seus inquilinos as acomodações mais luxuosas, as roupas mais bonitas, a comida mais saborosa e todas as distrações possíveis e imagináveis, condenando-os, porém, a respirar esta aura para todo o sempre, já isso seria castigo suficiente.

Nenhuma propaganda, seja contra ou a favor, consegue apreender este fenómeno tão esquivo e do qual ainda se sabe tão pouco. É um fenómeno que escapa a todos os cálculos. É impossível dar-lhe expressão no papel. Se admitimos, ainda que a sussurrar, que algo do género existe, há então que buscar uma explicação racional. Só pode ser o «antes» oprimido e assustado a vingar-se, a derramar o seu fluido negro qual polvo ferido. Mas decerto a construção socialista, no seu crescimento rumo a um futuro de garantida prosperidade, é já suficientemente forte para nos vacinar contra este veneno; ou talvez seja ainda demasiado cedo para isso. Quando vier a próxima geração, livre da influência malévola do «antes», tudo mudará. Só há um problema: os que tiveram ocasião de observar a geração mais jovem na Sede sentem relutância em fazer essa previsão. Lá temos então de adiar as nossas esperanças para o futuro remoto, para uma altura em que a Sede e cada um dos Estados dependentes dará, a cada cidadão, um frigorífico, um automóvel, pão branco e uma bela porção de manteiga. Talvez aí, finalmente, o povo se dê por satisfeito.

Se cada passo que damos para resolver esta equação é o lógico, porque não chegamos ao resultado certo? Teremos de aplicar uma geometria não euclidiana a uma matéria tão clássica, tão adaptável e moldável como é o ser humano? Não o satisfará a variedade habitual? De que diabo precisa um homem, afinal?



Escrita por Milosz durante o seu exílio em Paris e publicada em 1953, *A Mente Aprisionada* é uma obra fundamental e um clássico no estudo do totalitarismo. Através de pequenas narrativas biográficas de intelectuais polacos e sua relação com o regime comunista em vigor, Milosz descreve o completo domínio social que este exerceu à época, ao subjugar o espírito e as ideias por meio da «transmissão orgânica» de um pensamento único. Milosz ilumina e resume essa Visão do Mundo e a obediência ao seu Método sedutor e persuasivo num conjunto de textos inovadores, à época polémicos, que anteciparam dissidências e denúncias do estalinismo.

O estilo narrativo único, incisivo e sardónico, erudito e eloquente, que conjuga reflexão filosófica e política com descrição biográfica quase ficcional, faz de *A Mente Aprisionada* uma obra única e incontornável da literatura ensaística, e um dos livros mais influentes e inspiradores alguma vez escritos sobre o tema.

---

«Deu-nos uma descrição da cultura  
totalitária como mais ninguém o fez.»

*THE SUNDAY TIMES*

«Um livro assustador. Deve ser lido.»

*THE GUARDIAN*

---

ISBN 978-989-623-254-2  
9 789896 232542



cavalo de ferro